



QUICO CADAVAL, DIRETOR DE TEATRO E CONTADOR DE HISTÓRIAS

“O carácter cíclico do capitalismo devolveu toda a atualidade à Ópera dos Três Reás”

RAQUEL RÍOS E DAVIDE DO ARROIO / Dezanove mil setecentos espetadores convertêrom a Ópera dos três reás na obra mais vista da história do Centro Dramático Galego (CDG). Quico Cadaval foi o encarregado de lhe dar forma cénica à crítica ao capitalismo berlinense dos anos 20 de Bertolt Brech e Kurt Weill que cada ano en-

che os teatros de Broadway. A versom galega do clássico pensou a obra com onze atores e atrizes e nove músicos que levárom o espetáculo por doze localidades de todo o Estado. No bar Dobre S de Ribeira, a vila natal de Quico Cadaval, o realizador confessa que esta foi a obra mais complicada em que trabalhou nunca.

Estamos a falar do espetáculo mais visto da história do CDG. Grande satisfação, mas também grande responsabilidade?

Pois sim, é umha grande responsabilidade que já acabou no dia 1 de outubro. Rematamos em Naron, com o auditório cheio de gente que estivo reloucando e celebrando os números musicais e as frases míticas da Ópera dos Três Reás como a que diz: “os poderosos do mundo sabem criar miséria, o que nom suportam é vê-la diante da sua casa”.

Quais som para ti os principais atrativos d’A Ópera dos Três Reás que chamam o público?

Os principais atrativos som umha partitura musical extraordinária, feita por Kurt Weill para dinamizar o bom gosto berlinense dos anos 20, e a história de umha personagem, Mackie da Faca, que num princípio pode parecer umha personagem fria, mas depois revela umha grande humanidade. Um homem que é um delinquente e lamenta nom ter as mesmas oportunidades que os grandes burgueses,

os banqueiros e os industriais. Ele nom critica a burguesia, senom que gostaria ser burguês.

Mackie da Faca é a personagem protagonista que interpreta Luís Tosar. A sua presença ajudou a dar maior difusom à obra?

Pois claro. Nós tivemos teatros cheios em praticamente trinta funções e isso sem Luís Tosar nom seria possível. Assim e todo, ele veu para voltar ao teatro canalha e trabalhar outra vez com os colegas galegos, porque sabe que voltar a beber nas suas origens de vez em quando é a forma de poder manter toda a sua potência artística. Por outro lado, fijo um grande contributo à sua personagem, tornando-o diferente ao Mackie das mais de 60 representações que se estão a fazer noutros lugares do mundo. Tosar acrescentou-lhe umha humanidade e um sentido do humor mui grandes. O frequente é que os atores fagam de “maus má sombra” ou maus de melodrama, mas Luís sabe circular entre o malvado, o palhasso sedutor e o homem que finalmente toma consciência de si mesmo.

A Ópera dos três reás fai umha leitura contemporânea sobre os estragos do capitalismo. Têmham mudado muito as cousas desde a primeira vez que se representou no Berlim dos anos vinte?

Pois eu pensava que nom, que era umha obra que estava passada, que dava mensagens demasiado planas e que havia que fazer umha nova leitura. Mas a verdade é que nom, o carácter cíclico do capitalismo devolveu-lhe toda a sua atualidade. Na obra, um bandido seduz a filha de um inimigo, um assunto melodramático e que pode parecer muito antiquado, no entanto essa história romântica só é utilizada para desmontar nom só o capitalismo, mas também outros mitos do capitalismo como o amor ou o uso do matrimónio como forma de organização social.

Foi um desafio sacar adiante umha superprodução teatral coma a que vés de dirigir?

Esta é a obra mais complicada em que trabalhei nunca. Afortunadamente havia pessoas suficientemente capacitadas em todas as

áreas. Estava Diego Garcia na direção musical, Ramón Bermejo na formação vocal ou Mónica Garcia nas coreografias. Entom, pode-se dizer que eu tive tempo para sonhar e imaginar cenas...

E no caso do teatro galego, estarias a favor de realizar umha superprodução ao ano ou múltiplas produções de pequeno formato?

Eu penso que as duas cousas som a combinação ideal (risos). Provocar este confronto nom é a solução. Por exemplo, a Ópera dos três reás gerou muitos milhares de espetadores, e cada um deles deixou 17 euros na bilheteira, e abriu umha janela internacional para o teatro galego. Contodo, o mérito das pequenas produções é que som feitas por nós. Agora estamos com “Oeste Solitario”, sem nengum tipo de apoio público, com dificuldades, mas com muito talento por parte dos atores que participam. Penso que a saúde da nossa cultura está na complementaridade, quer dizer, temos que estar dentro e fora.

Samuel L. París

SEU CÉREBRO ESTÁ-SE RETORCENDO COMO UM SAPO

Reflexionar sobre o papel psicotranscedente de Michelle Wild na literatura galega de viagens e depois andar polas praias untados em cremas trás roubar oitocentos quilogramas de dildos ao beirro de “Gloria Lago, milf panamiana!” e deixar que os tavans falem do mal que se tem que dar foder contra a parede da sede da UPG enquanto zoa o vento do capital lembrando ‘a las mamás rubias que van en todo terreno a llevar a sus hijos a la puerta del colegio’ e pensar novamente que ver gente morta consegue reflexons ainda que só seja por um minuto, mas que, em troca, quando morre um político... aí, quando morre um político...

Acordar com o joelho escaralhado no meio de umhas jornadas polo arrependimento coletivo de umha apatria mamaria e prender lume ao currículo da tua puta intrascendência num bochoi de licor de uralite elaborado nas tripas da correioira em que os teus papás te concebêrom um dia que estavam meio bêbados e reconhecer, por ativa e por passiva, que o país nom morrerá, mas que tu e Conde Roa sim que morreréis.

Já pudemos dançar sobre os corpos de Franco, Reboiras e Jim Morrison. Dançar há que dançar e comer há que comer. Abandonar o pragmatismo e a elegância. Compreender que estamos a desperdiçar tempo, espaço, carne e suor.

Nom somos as escravas do dinheiro, somos as donas da dança.

Já nom é que só queiramos dançar: é que só vamos dançar.